



Docencia e innovación

A experiência didático-pedagógica na disciplina Mediação da Informação no curso de Biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina, Paraná/Brasil

João Arlindo dos Santos Neto

Universidade Estadual de Londrina,
Departamento de Ciência da Informação
Brasil · santosneto@uel.br

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

Universidade Estadual de Londrina
Universidade Estadual Paulista
Brasil · ofaj@ofaj.com.br

Resumo: Discute a disciplina Mediação da Informação na graduação e elucida que a referida disciplina é fundamental para a formação dos futuros bibliotecários, pois além de enaltecer a potencialidade do papel mediador desse profissional, apresenta a diversidade dos campos de atuação para ele também. Descreve as experiências didático-pedagógicas, geradas em sala de aula, a partir das discussões com os alunos de Biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná/Brasil, ao ministrar a disciplina nos anos de 2013 e 2014. Apresenta a dinâmica e a forma como a disciplina foi ministrada com duas turmas, bem como a avaliação dos alunos. Expõe uma revisão de literatura abordando os conceitos de mediação da informação, formação de bibliotecários, ensino da biblioteconomia, como também dialoga com as experiências relatadas na literatura científica. Analisa o discurso e a percepção dos alunos a partir das discussões na disciplina e a temática mediação da informação. Utilizou-se a análise do discurso para analisar os dados. Os alunos de ambas as turmas relataram que ao cursar a disciplina, são ampliadas as possibilidades de atuação na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, também foi apontado por eles a compreensão a respeito da mediação da informação e a sua abrangência no campo da Ciência da Informação. Eles passaram a perceber como podem interferir em diferentes instâncias e processos informacionais, seja de maneira implícita ou explícita. Conclui-se, a partir da experiência em sala de aula, que os alunos de Biblioteconomia apresentam um discurso embrionário quanto ao conceito de mediação da informação no início da disciplina, mas que ao decorrer dela, torna-se melhor compreendido. Muitos alunos relataram que não imaginavam as diversas possibilidades de mediação da informação e de interferência no fazer do bibliotecário e o quanto podem influenciar na decisão dos usuários.

Palavras-chave: Mediação da informação; Formação do bibliotecário; Mediação da informação-disciplina; Ensino de Biblioteconomia.

Abstract: Discusses the Information Mediation discipline in undergraduate and clarifies that such course is fundamental to the training of future librarians, as well as enhance the potential of the mediating role of this professional, presents the diversity of fields of activity for him as well. Describes the didactic and pedagogical experiences generated in the classroom, from the discussions with students of Library Science from the State University of Londrina (UEL), Paraná/Brazil, to teach the course in the years 2013 and 2014. It presents the dynamics and the way as the course was administered to two groups, and student assessment. Exposes a literature review addressing the concepts of information mediation, training of librarians, teaching of librarianship, but also speaks to the experiences reported in the scientific literature. Analyzes the speech and the perception of students from the discussions in the discipline and the subject mediation of information. We used discourse analysis to analyze the data and they are

presented on consecutive frames of interpretation. Students of both groups reported that to take the course, are enlarged the possibilities of action in the field of Library and Information Science, was also appointed by them understanding about the information mediation and its scope in the field of Information Science. They began to realize how they can interfere in different instances and information processes, either implicitly or explicitly. It follows from the experience in the classroom, the Library of students present an embryonic discourse and the concept of information mediation in the beginning of the course, but the course it becomes better understood. Many students reported that they did not realize the various possibilities of mediation information and interference in making the librarian and how much they can influence the decision of users.

Keywords: Mediation of information; Librarian training; Mediation of information-course; Library Science Education.

1 Introdução

Formação de bibliotecários e de profissionais da informação foi um tema amplamente discutido nas publicações científicas da área de Ciência da Informação (CI), no entanto, a partir de levantamento bibliográfico, verifica-se que pouco tem se discutido sobre essa temática atualmente. Os estudos, em sua maioria, abordam a atuação e o fazer profissional.

O contexto em que um profissional é formado interfere na sua formação e, conseqüentemente, na sua atuação no mercado de trabalho e na sociedade. Um bibliotecário que se forma em uma universidade da região Norte do Brasil, por exemplo, terá um perfil completamente diferente de outro que egressa da região Sul. Fatores políticos, econômicos, sociais, ideológicos, culturais, educacionais, informacionais etc. influenciam na formação deste profissional.

A formação necessita estar alinhada com a realidade contextual em que a universidade está inserida, bem como deve ser pensado os campos de atuação daquela e as condições da região local. No entanto, a visão macro deve ser pensada e explicitada aos alunos, ou seja, apresentar o cenário que a profissão bibliotecária possui no Brasil todo e as divergências em cada região do País.

Sendo o Brasil um país com território geográfico espacial extenso, as atividades profissionais divergem a cada fronteira que é percorrida. Os cursos de Biblioteconomia são ofertados em diferentes escolas e universidades em todas as regiões do País, acredita-se que entre as matrizes curriculares destes cursos haja muita proximidade e semelhança em relação aos conteúdos base que são ministrados aos alunos. A Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN) propõe documentos que visam orientar e direcionar a formação dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia no Brasil, e entre os documentos, as Diretrizes Curriculares¹ são os que recebem destaque. Por outro lado, as particularidades de cada região são determinantes na escolha dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula.

Neste trabalho, optou-se por analisar a formação dos bibliotecários a partir de uma disciplina em especial, que é ofertada na Universidade Estadual de Londrina (UEL), região sul do Brasil, estado do Paraná. A disciplina escolhida chama-se Mediação da Informação (MI).

Analisar a forma como os bibliotecários estão sendo formados, sob a ótica da disciplina MI é fundamental devido a abrangência de possibilidades que a disciplina desperta nos alunos. A atuação como profissional da informação mediador ultrapassa as barreiras da biblioteca e equipamentos informacionais tradicionais, o que antes da disciplina não era percebido pelos alunos.

A preocupação em relação às investigações que analisam os cursos formadores de bibliotecários e as disciplinas que têm sido ministradas nesses cursos têm aumentado. Na CI já se percebe essa preocupação nas pesquisas, observou-se que foram realizadas análises, por exemplo, com as disciplinas de "Competência em Informação", "Arquitetura da Informação" e "Estudos de Usuários". No entanto, sobre a disciplina

¹ Os documentos e as Diretrizes Curriculares podem ser acessados em: http://www.abecin.org.br/abecin_conteudo.php?id=14.

“Mediação da Informação” ainda não foi realizada, o que motivou e instigou a presente proposta de pesquisa.

Defende-se por uma formação do bibliotecário que envolva e perceba a mediação da informação como sendo o norte e direcionador de todo fazer biblioteconômico, novos contextos e necessidades são apontadas pelo mercado, o que faz com que as escolas de Biblioteconomia se adaptem a realidade e comecem a pensar na inserção da disciplina MI em suas matrizes curriculares, atrelado ao que há de novo na área e que precisa ser apresentado e discutido com os alunos, como é o caso das disciplinas referidas anteriormente.

A necessidade de uma nova ótica quanto ao ensino e a pesquisa nesse campo de estudo é evidente devido às mudanças paradigmáticas e conceituais em relação ao objeto de estudo da área. Um núcleo muito duro da área insiste em defender a informação registrada como sendo o objeto de estudo da CI, no entanto discorda-se deste pensamento. Se levarmos em consideração a informação registrada como objeto de estudo da área, acaba-se por excluir elementos que a própria área insiste em afirmar que são trabalhados e oferecidos pelas bibliotecas, como a ação cultural, a contação de histórias, a mediação de leitura, o teatro etc. Essas ações podem vir a ser registradas, representadas, tratadas, indexadas, documentadas e disponibilizadas, no entanto, ao se fazer isto, restringe-se todo o potencial sensorial e emocional que essas ações mediativas possuem, visto que os suportes como o CD ou DVD reduzem a possibilidade de despertar sensações e emoções com a mesma intensidade das ações mediativas presenciais. Caso fosse assim, estar-se-ia lidando com os suportes informacionais que armazenam a atividade, e não a atividade em si. Ao filmar uma contação de história, ela deixa de ser contação e passa a ser um suporte informacional que contém “registrada” a ação de mediação desenvolvida. Por isso, acredita-se que perceber a informação registrada como o objeto de estudo da área é ingênuo, contraditório e reducionista (Santos Neto, 2014).

Reconhece-se que a pesquisa analisou uma realidade muito específica, de uma disciplina em uma universidade estadual do interior do estado do Paraná, Brasil, todavia, justifica-se essa investigação pela possível contribuição aos estudos sobre a formação dos bibliotecários, em especial a partir da análise da disciplina MI, o que demonstra o caráter inédito da pesquisa.

As pesquisas sobre mediação têm aumentado na literatura da CI, e cada vez mais são realizadas sob aspectos diferentes e óticas diversificadas. No entanto, ainda não foi realizada uma pesquisa que investigasse a mediação da informação como disciplina. A seguir, discute-se a formação do bibliotecário tendo como foco a formação social deste profissional.

2 Formação do bibliotecário: em foco a formação social

Toda profissão necessita de formação específica e continuada, bem como a constante atualização nos seus currículos. No caso dos cursos de Biblioteconomia, que formam o Bibliotecário, não é diferente, pois “[...] a profissão bibliotecária é compreendida como um sistema em evolução, um cosmos em expansão, resgatando-se daí as características que estabelecem a sua identidade.” (Souza, 2009, p. 17).

Concorda-se com o referido autor no momento em que ele relaciona a profissão bibliotecária com um sistema em evolução, pois se tratando de uma profissão que lida com a “informação”, e ao perceber esta como algo subjetivo, efêmero, imaterial, a maneira como os profissionais lidam com a informação é modificada e aperfeiçoada conforme as demandas sociais e mercadológicas. “Conhecer a realidade social e as instituições bibliotecárias é um pressuposto para planejar quaisquer serviços de informação.” (Almeida, 2011, p. 3).

Acredita-se que o impulsionador de toda formação e, neste caso, afinando o foco para o Bibliotecário, é a demanda social e de mercado. Em cada época se exige uma formação com habilidades e conhecimentos específicos.

No caso da Biblioteconomia, seus momentos de (re)escritura e inovação dos conhecimentos têm relação muito aproximada com os momentos históricos em que o País deu saltos tecnológicos pela assimilação de novas formas de produção industrial,

de intermediação comercial, de fornecimento de serviços financeiros, de comunicação impressa, de telecomunicação ou novos processos de gestão política ou econômica da riqueza pública ou privada. (Souza, 2009, p. 19).

A partir do exposto fica evidente a interferência que as mudanças tecnológicas, mercadológicas, políticas e sociais exercem em relação a preocupação do ensino da Biblioteconomia. A demanda é que direciona a formação deste profissional, por exemplo, quando a tecnologia e os computadores adentraram nos equipamentos informacionais, década de 90, as fichas catalográficas que antes eram feitas manualmente e formavam o catálogo da biblioteca, passaram a ser (re)feitas nos computadores, formando a base de dados daquela mesma unidade. Quando as redes sociais de relacionamento passam a fazer parte da sociedade e aparece fortemente presente nas relações comerciais, organizacionais etc., as bibliotecas também se preocuparam em aderir a essa tendência, ou até mesmo necessidade.

Outro caso é quando se vê o ajustamento dos currículos dos cursos em relação a área de Organização e Representação da Informação e do Conhecimento (ORIC) pois foram desenvolvidos novos modelos conceituais e padrões de metadados, o que, conseqüentemente, alterou as ferramentas de trabalho que auxiliam o fazer diário na catalogação e classificação. Conteúdos que discutem o RDA, RDF, FRBR, entre outros, foram incluídos rapidamente nas disciplinas da área ORIC.

Foram mencionados apenas alguns exemplos para que se perceba como fatores externos influenciam na formação dos profissionais da informação, os cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação nas instituições de ensino superior seguem as Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação (MEC), “[...] e a partir dessas diretrizes eles acrescentam outras disciplinas que visam à complementação e ao atendimento da realidade da região na qual estão inseridos, formando a organização curricular de cada curso.” (Almeida, 2008, p. 46).

A partir do exposto, infere-se que as formações são direcionadas para a realidade de uma determinada região e suas condições econômicas, sociais, ambientais etc.

Importante destacar que “Quando os jovens, a partir dos 17 anos, chegam às universidades brasileiras para a realização de seus cursos de graduação, um problema crucial interfere no desenvolvimento das atividades acadêmicas, o conhecimento da realidade social [...]” (Almeida, 2011, p. 1), isto é, o desconhecimento em relação as práticas sociais, os valores, os artefatos construídos socialmente, fazendo com que os alunos tenham dificuldade em compreender a complexidade das relações sociais.

Tendo como centro de discussão a formação social do bibliotecário, tira-se o foco por um instante dos fatores tecnológicos que impulsionam os conteúdos formadores e direciona-se os refletores neste momento aos aspectos sociais e humanos que circundam a profissão bibliotecária. Como ministrar conteúdos extremamente relacionados a tecnologia e a internet, em uma região (macro) onde a rede elétrica nem faz parte da realidade da comunidade. Ou como instruir e pressionar o uso de base de dados e catálogos nas bibliotecas, sendo que ainda nem computadores elas possuem. Percebe-se uma busca ininterrupta por acompanhar os avanços impostos pela sociedade da informação e, esquece-se muitas vezes, das particularidades de cada região. Portanto, formar bibliotecários mediadores é fazer com que eles compreendam o impacto social que a sua profissão exerce, bem como apresentar diferentes possibilidades de ações mediativas, que pensem na sociedade e nas conseqüências que dela deflagrarão.

“Um mediador da informação comprometido com o acesso à informação deve estar amparado por uma leitura crítica das relações humanas.” (Almeida, 2011, p. 10). Vislumbra-se que a mediação seja a mola propulsora para uma formação mais social e humana dos bibliotecários.

3 Mediação da Informação

O termo mediação está presente em diversas áreas do conhecimento como a Educação, Psicologia, Comunicação, Direito etc. Na CI o termo também é utilizado para designar a relação entre profissional da informação, usuário e informação.

Não se tem, conseqüentemente, a pretensão de inovar a discussão em relação à mediação na área de CI, mas de aprofundar algumas questões que envolvem a temática sobre a mediação e o mediador. Atenta-se para o fato de que o termo mediação tem sido utilizado em grande escala nas pesquisas e publicações da área, no entanto, em boa parte delas, com pouco aprofundamento.

Para que a mediação ocorra é necessária a intervenção de um terceiro, que pode ser definido de acordo com a área e/ou conteúdo e/ou elementos a serem mediados. Se tratando de mediação da informação, o mediador nessa área é o profissional da informação, entendido aqui como o bibliotecário, o arquivista e o museólogo, embora outros profissionais que possuem a informação como objeto norteador de seu fazer também devem ser incluídos sobre essa denominação.

Braga (2012, p. 32) discorre que “[...] em perspectiva genérica, uma mediação corresponde a um processo em que um elemento é intercalado entre sujeitos e/ou ações diversas, organizando as relações entre estes.” A mediação se refere à interposição de alguém ou de algum elemento, com o intuito de melhorar as relações entre os sujeitos envolvidos. Essa mediação varia de acordo com a maneira que ela é desenvolvida, dos sujeitos que estão sendo mediados e principalmente do agente mediador. As ações mediativas não podem ser executadas da mesma forma em diferentes contextos, com diferentes sujeitos, pois cada realidade é única, apresenta elementos e condicionantes próprios daquele universo.

Outra definição é aquela que consiste em “[...] uma intervenção intencional, de um ‘colocar-se entre’ e, por meio justamente desta ação, fazer se relacionarem diferentes sujeitos, instituições e instâncias.” (Araújo, 2012, Não paginado). Nesse caso, compreende-se que a mediação é intencional, é pensada, não é neutra e nem passiva, ela se posiciona para que determinadas relações possam ser estabelecidas, sejam essas, relações pessoais ou institucionais.

A mediação da informação, à luz do paradigma pós-custodial, suscita uma nova postura dos bibliotecários que se afasta de uma mera execução de tarefas técnicas e repetitivas, porque toma a CI no sentido social e intersubjetivo, na medida em que os fenômenos de informação e tecnologia evoluem. Assim, pode-se ter uma mediação efetiva e transformadora que é, ao mesmo tempo, pautada nos princípios básicos da biblioteconomia e CI.

O conceito de mediação da informação que é adotado no presente trabalho é aquele que considera a mediação como a ação intencional de interferência do profissional da informação, que visa atender parcialmente uma necessidade informacional e espera que o usuário se aproprie da informação (Almeida Júnior, 2008).

Este conceito tem aparecido frequentemente nas publicações sobre a temática mediação, no entanto, em pesquisas realizadas com alunos de Biblioteconomia e profissionais da área sobre o entendimento a respeito da mediação, concluiu-se que eles não apresentam um discurso objetivo. Possuem dificuldade em discursar o que compreendem em relação a mediação e, quando o fazem, a relacionam com a disseminação da informação. Outro entendimento comum entre os referidos sujeitos é a percepção da mediação como sinônimo de ponte, o que não é verdade, pois a ponte, que é fixa, tem como função unir dois elementos, estes sempre sendo os mesmos. Já a mediação ocorre com elementos diferentes, utilizando recursos diferentes e em meio aos conflitos, ou seja, ela não ocorre sempre da mesma forma e com os mesmos elementos para ser comparado com a ponte, um suporte fixo, imutável.

O conceito de mediação da informação, recentemente reformulado, foi apresentado a área como:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais. (Almeida Júnior, 2015, p. 25).

No conceito acima, destacam-se quatro palavras-chave: interferência, apropriação, processo e conflito. Primeiro, a interferência, pois como já apontado, ela necessita que seja posta, colocada, entre diferentes instâncias e sujeitos. Segundo, a apropriação, não basta, na mediação, apenas realizar a disseminação da informação, isto é, disponibilizar conteúdos para os usuários, mas deve ela também ter a preocupação com o significado que esses conteúdos exercerão para os usuários. Terceiro, a mediação como um processo contínuo, que gera novas necessidades e, conseqüentemente, novas mediações. E quarto, conflito, uma vez que entende-se aqui a informação não dirimindo dúvidas, preenchendo lacunas cognitivas, como geradoras de dúvidas, criadora de necessidades informacionais, criadora de conflitos.

A mediação da informação está ligada a todas as ações dos profissionais da informação, sejam elas implícitas ou explícitas, ou seja, pode se dar tanto no serviço de referência (tradicional ou contemporâneo), no balcão de empréstimo de uma unidade de informação, como também pode ocorrer na aquisição dos materiais que farão parte da coleção, na representação temática e descritiva dos suportes informacionais e na restauração de documentos dessa unidade (Almeida Júnior, 2009; Santos Neto, 2014).

“Tendo a mediação como diretriz, como norte, como objeto, o bibliotecário pode alterar, pode transformar sua ação social, não a ideal, mas a real.” (Almeida Júnior, 2004, p. 86). Deste modo, se faz necessário a atenção das escolas de biblioteconomia que já ofertam em sua matriz curricular a disciplina MI, que revejam a forma como estão a lecionando e, àquelas que ainda não a possuem, que pensem no grande contributo que ela oferece na formação dos futuros bibliotecários.

4 A disciplina “Mediação da Informação” e sua proposta

A disciplina Mediação da Informação foi proposta ao colegiado de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da UEL, no ano de 1996 pelo Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior e passou a fazer parte da matriz curricular do referido curso desde 1997. Sua primeira oferta foi no ano de 2000, e desde então ela compõe o quadro de disciplinas fundamentais para se discutir sobre a real função do profissional da informação, envolvendo a ética profissional e o compromisso social com a comunidade. Deste então, Almeida Júnior ministrou a disciplina até o ano de 2012, quando aposentou-se da Universidade e quem a assumiu foi a Profa. Dra. Sueli Bortolin. No ano de 2013, em meados do 2º semestre a disciplina foi transferida para o prof. Ms. João Arlindo dos Santos Neto, e que até hoje encontra-se sob a sua responsabilidade.

A referida disciplina foi ministrada no 2º semestre dos anos 2013 e 2014. Consta na matriz curricular do curso de Biblioteconomia e está planejada para ser oferecida no 6º semestre ou na metade do 3º ano do curso, sendo obrigatória e dispondo de 60 horas/aulas. Destaca-se que outras disciplinas da grade dialogam com a MI, como a de Fontes de Informação; Memória, Informação e Sociedade; Centros Culturais, Bibliotecas Públicas e Escolares; Serviço de Informação e Referência; Competência Informacional; Ética e Atuação do Bibliotecário, entre outras que acabam emergindo nas discussões dos textos em sala de aula.

A ementa compreende “O profissional da informação e a mediação entre a informação e o cliente. Conceitos de mediação e a relação desta com a sociedade e o fazer do profissional.” (Universidade... 2015, p. 1). A partir da referida ementa, verifica-se que o ponto fulcral da disciplina é discutir a relação entre o profissional da informação e a mediação da informação com o cliente². Ainda que não se concorde com o uso do termo cliente, pois prefere-se algo mais parecido com usuário ou leitor, não será aqui discutido qual é o termo mais apropriado pois não é esse o objetivo do trabalho. Em continuidade a análise sobre a ementa, ela também visa apresentar e discutir os conceitos de mediação e a relação deles com a sociedade e o fazer profissional.

Em relação aos objetivos da disciplina, estão eles assim explicitados: “Possibilitar ao aluno a compreensão da importância dos vários aspectos presentes no processo de

² Cliente “[...] é aquele que utiliza habitualmente os serviços ou consome os produtos de determinada empresa ou profissional [...]” (Lunardelli, 2004, p. 96).

mediação e a posição desta como sustentáculo nas ações desenvolvidas pelas Unidades de Informação.” (Universidade... 2014, p. 1).

O conteúdo programático engloba a relação da informação e do bibliotecário com a sociedade, globalização, economia, os usuários e as possíveis dificuldades que aparecem no processo mediativo e que dificultam a apropriação da informação pelo usuário.

Entre os autores referenciais utilizados na disciplina, destaca-se Almeida Júnior, fundador do conceito e também da disciplina no Brasil. Procura-se trabalhar com a mediação (informacional, comunicacional, cultural) em diferentes aspectos, isto é, relacioná-la não somente às unidades e equipamentos informacionais, como também a outras esferas da sociedade em diferentes ramos de atividade. Para tal, utiliza-se literatura nacional e internacional, que foram escolhidas para propor aos alunos uma diversidade de pensamentos e aplicações das teorias na sociedade, entre os referenciais destaca-se: Almeida (2007), Almeida (2012), Coelho Neto (1996), Davallon (2007), Figueiredo (1987), Malheiro e Ribeiro (2011), Martín-Barbero (1997) entre outros.

O andamento da disciplina consistia em uma alternância de atividades, aulas expositivas e dialogadas, discussão de texto em grupos e no todo, resenhas e resumos críticos dos textos, planejamento de atividades mediativas em diferentes equipamentos informacionais e espaços de atuação. Como parte da avaliação, um seminário abordando a temática da disciplina juntamente com um tema de interesse dos alunos ligado à área de CI, Biblioteconomia e áreas afins.

Apropria-se do pensamento de Almeida (2011, p. 10) quando as disciplinas de disseminação da informação e de ação cultural e, inclui-se a de MI,

[...] revelam a necessidade de conteúdos de fundamentação geral, principalmente, os oriundos das ciências humanas, como História, Antropologia, Sociologia e Pedagogia. Um mediador da informação comprometido com o acesso à informação deve estar amparado por uma leitura crítica das relações humanas.

Procura-se, na condução da disciplina, apresentar aos alunos uma diversidade de textos oriundos de diferentes áreas, como defendido na citação acima, buscando uma formação crítica tanto social, quanto profissional.

5 Procedimentos metodológicos

Quanto aos objetivos, a proposta apresenta-se por ser exploratória, pois se dará em uma área sobre a qual há pouco conhecimento socializado e registrado, no caso, a análise da disciplina MI.

Apresenta-se como uma pesquisa de avaliação que segundo Bufrem (2012) “[é um] tipo especial de pesquisa aplicada, elaborada para avaliar programas, projetos, unidades ou produtos, com vistas ao seu melhoramento.” A proposta é, também a partir desta avaliação, verificar pontos que precisam ser revistos na condução da referida disciplina.

Também valeu-se de uma pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2008, p. 44), a pesquisa bibliográfica é “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” A pesquisa bibliográfica foi realizada para discutir, de modo breve, os temas “formação do bibliotecário” e “mediação da informação”.

O discurso dos alunos foi analisado sob a ótica da Análise do Discurso (AD), esta forma de interpretar discursos e textos se dá a partir do que é discursado e/ou registrado por determinado sujeito e/ou grupos, populações. É uma metodologia que não se prende aos aspectos léxicos e linguísticos dos enunciados, isto é, ela não fica às margens dos termos, das palavras e dos significados das expressões, mas se atenta para as posições e condições histórico-sociais que influenciaram e levaram o sujeito e/ou grupo social a formular e explicitar determinado discurso. A teoria do discurso é o lugar onde os componentes linguísticos e socioideológicos se convergem (Santos Neto, 2014).

A AD considera como parte fundamental do sentido o contexto histórico-social, valoriza as condições em que o texto foi produzido e nela os sentidos são

historicamente construídos. Compete à AD descrever os discursos e estipular diretrizes suficientes de conduzir a formação dos discursos.

Para Mussalim (2006, p. 110) a “[...] AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social.” Neste método, busca-se compreender o discurso de alguém a partir das condições de produção do discurso, isto é, as condições sociais, histórias, políticas e ideológicas em que o discurso foi socializado. Neste trabalho, buscou-se compreender o discurso dos alunos do curso de Biblioteconomia da UEL a partir da avaliação da disciplina MI.

6 A experiência didático-pedagógica na Universidade Estadual de Londrina

A seguir é apresentada a experiência didático-pedagógica na UEL, gerada nos anos de 2013 e 2014, ao ser ministrada a disciplina MI no curso de Biblioteconomia. A questão da mediação foi analisada de maneira com que os alunos a compreendessem como algo maior do que a disseminação da informação. Para mediar informação, os mediadores precisam de conhecimento e competência para realizá-la, é necessário também planejamento e organização, ainda que a mediação ocorra muitas vezes de maneira inconsciente.

Na disciplina, foi debatida diversas vezes a questão do acesso (local ou remoto) à informação. Tendo como foco o usuário em todo fazer profissional, de que forma pode-se promover ações mediativas visando o acesso à informação pelo usuário e, conseqüentemente, a apropriação da informação. Desta forma, o empréstimo realizado pelo usuário não garante que aquele conteúdo tenha lhe sido útil, ou ainda que o usuário tenha se apropriado daquela informação.

Assim como relatou Almeida (2011), os encontros semanais dessa disciplina também foram sustentados principalmente pelo diálogo com os alunos. Ao dispor as cadeiras em círculo e desfazer aquela estrutura formal onde a mesa do professor fica à frente e ao centro da sala, os alunos se sentiam mais confiantes e convidados tanto a falar quanto a ouvir o que os colegas de sala tinham a dizer. A proposta foi sempre levar textos para sala que pudessem ser, além de refletidos no âmbito acadêmico/científico, também vislumbrados na realidade local, social. Vale destacar, que uma das maiores contribuições para a disciplina foram os relatos que os alunos faziam em relação às experiências geradas no estágio/trabalho.

Um dos textos trabalhados em sala e que gerou bastante discussão entre os alunos foi *Usuários ou clientes de bibliotecas? Uma reflexão do ponto de vista da lexicologia*, de autoria de Lunardelli (2004), já mencionado neste trabalho. A autora pesquisou os significados dos termos usuário e cliente em diferentes fontes de informação, para que se pudesse apresentar um panorama da utilização destes termos nas bibliotecas. Os alunos, em ambos os anos que o texto foi trabalhado e debatido na disciplina, possuíam uma posição e preferência em relação ao uso de um ou de outro termo, mas que ao longo da discussão do texto essas posições e preferências eram revistas e reformuladas. Os alunos acreditam que o termo cliente não é o mais apropriado para denominar o sujeito que interage com os equipamentos informacionais, mas ao pensar no termo usuário, eles também apresentam resistência, pois aparenta uma passividade deste sujeito, o que não é verdade. Uma proposta foi a de que a nomenclatura a ser utilizada varia de acordo com o ambiente e com o serviço que está sendo solicitado neste ambiente.

Outra ocorrência marcante em sala, foi devido ao atendimento no serviço de referência e/ou balcão de empréstimo nem sempre ser realizado por um bibliotecário. Os alunos até comentaram sobre a fama de “mal humorado” que o profissional possui. Alicerçamo-nos no pensamento de Almeida Júnior (2013) ao afirmar que coloca-se qualquer profissional para atender os usuários nas bibliotecas, privilegiando os setores internos das bibliotecas com a presença de bibliotecários para classificar e catalogar e esquece-se da necessidade em deixar um bibliotecário também no setor externo, isto é, no atendimento ao público. A mediação que ocorre a partir do primeiro contato com o “bibliotecário”, isto é, a imagem que as pessoas têm de qualquer funcionário que esteja na biblioteca, pode fazer com o que o usuário crie uma imagem

distorcida deste profissional, levando em conta um atendimento despreparado e realizado por um profissional não capacitado.

Questão que provocou intensas discussões foi sobre a “possibilidade” do desaparecimento do livro e da biblioteca, devido ao advento cada vez mais invasivo da tecnologia e, conseqüentemente, a desnecessidade da mediação, isto é, da desintermediação. Este termo surgiu em meados dos anos 60 quando no âmbito industrial o trabalho humano foi substituído pelas máquinas. O mesmo tem ocorrido com alguns serviços informacionais e para Silva e Lopes (2011, p. 6) a desintermediação “[...] significa a eliminação do mediador entre a informação (ou qualquer produto) e seus usuários finais [...]”. Acreditando numa possível desintermediação, os usuários estariam realizando seus processos de busca sem a necessidade da ajuda dos bibliotecários e das bibliotecas, isto é, da mediação, mas esquecem que a própria estrutura da internet, já se apresenta como uma mediação (Santos Neto, 2014). Ao apresentar essa conceituação, os alunos apontaram firmemente seus posicionamentos e defesas, elucidando que os computadores ainda não são capazes de desenvolver as mesmas funções que o cérebro humano é capaz, muito menos com a mesma qualidade e assertividade que se faz. Os alunos relacionaram esse fato com o que o Google faz e com a imagem que ele possui pela sociedade, a de que tudo “está” e é possível de ser encontrado no Google. Os alunos fizeram relação inclusive com outro texto que é debatido em sala, quando Silvio Mieli discute ironicamente sobre o comportamento dos usuários da referida plataforma, ao afirmar que é uma “[...] atitude natural dos usuários da internet: procurar qualquer coisa naquele retângulo mágico do buscador Google. Se não aparecer nada talvez ‘a informação que buscamos efetivamente não exista’. Será?” (Mieli, 2008, Não paginado). O Google tem acesso a uma mínima quantidade de informação dentro da existente, boa parte das informações, principalmente as de cunho científico e acadêmico, não é recuperada devido ao fato desta estar indexada e inserida em bases de dados que o Google não consegue recuperar. Os alunos afirmaram que utilizam o Google em suas pesquisas acadêmicas, mas que possuem a consciência de que muitos dados não são recuperados e que a plataforma é eficiente quando se necessita de respostas rápidas e simples. Os alunos defendem que a presença do mediador nas ambiências dos equipamentos informacionais, a partir do acesso físico ou remoto é fundamental e não pode, ainda, ser substituída pelas máquinas.

Em relação a mediação e seus conceitos, foram apresentadas diversas tipologias encontradas na literatura científica da área de CI, Comunicação, Educação, Serviço Social etc. Até o momento foram localizadas 51 tipos³ de mediação e, aos alunos, algumas delas foram expostas e debatidas em sala. Os alunos se surpreendem ao descobrir que existem tantos tipos de mediação, e que ela se dá em diferentes áreas do conhecimento. No entanto, não conseguem separar a mediação da informação das outras tipologias apresentadas, os alunos encontram dificuldade em vislumbrar a mediação em diferentes contextos e instâncias.

Como a área de CI insiste em afirmar que lida com leitura e com cultura, dois tipos de mediação receberam destaque na disciplina, uma é a mediação cultural e a outra, mediação da leitura. A primeira “[...] visa fazer aceder um público a obras (ou saberes) e a sua acção consiste em construir um interface entre esses dois universos estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do objeto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro.” (Davallon, 2007, p. 4). Nesse caso a mediação e o mediador atuam com vistas a apresentar um elemento (seja este um objeto, uma linguagem, uma imagem), desconhecido ou pouco conhecido, a um sujeito ou grupo social com a expectativa de que haja apropriação cultural daqueles por estes (Santos Neto, 2014). Os alunos relacionaram facilmente à esta mediação, as ações culturais, as exposições e os serviços museais.

A outra, mediação da leitura corresponde ao “[...] ato fundamental para formação de leitores, um posicionamento sociocultural no sentido de levar o cidadão a ler diferentes textos para que ele, com autonomia, exerça plenamente seu papel de cidadão.” (Bortolin, 2010, p. 107). E que “[...] em se tratando de leitura, podemos considerar que o mediador do ato de ler é o indivíduo que aproxima o leitor do texto.”

³ Em pesquisa realizada anteriormente, localizou-se 51 tipos de mediação (Santos Neto, 2014).

(Bortolin, 2006, p. 67). À esta tipologia, os alunos relacionaram a contação de história, a hora do conto e o clube de leitura.

Tendo como foco na disciplina a mediação da informação, apresentou-se também a diferenciação proposta por Almeida Júnior em que percebe a mediação em dois momentos distintos, porém complementares:

A mediação implícita, ocorre nos espaços dos equipamentos informacionais em que as ações são desenvolvidas sem a presença física e imediata dos usuários. [...] A mediação explícita, por seu lado, ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, é condição *sine qua non* para sua existência, mesmo que tal presença não seja física, como, por exemplo, nos acessos à distância em que não é solicitada a interferência concreta e presencial do profissional da informação. (Almeida Júnior, 2009, p. 93).

A partir desta exposição, foi solicitado aos alunos que elencassem ações mediativas para diferentes equipamentos informacionais, e em ambos os anos em que a disciplina foi ministrada os alunos apresentaram propostas parecidas. A partir das respostas que foram expostas, pode-se observar que os alunos indicaram como ações de mediação explícita as seguintes atividades: ação cultural; acervo; acesso à internet; atendimento ao usuário e circulação; atendimento virtual (telecentros); atividades realizadas no balcão (empréstimo, renovação, devolução, reservas e multas); auxílio nas atividades da escola; biblioteca digital; catálogo; contação de história; exposição; exposições temáticas; fantoche; grupos de leitura; hemeroteca; hora do conto; monitorias; mural; palestras; receber a visita de escolas; recebimento de doação de material; sala de estudo; serviço Comut; serviço de referência; serviço de referência *online* (chat, telefone); serviço EEB; teatro; teatro narrado; xerox. Infere-se que na quase totalidade das atividades indicadas, é essencial que haja a presença do mediador (física ou remotamente) e, necessariamente, do usuário.

E como possibilidade de mediação implícita, os alunos indicaram as seguintes funções: acesso à base de dados; aquisição; biblioteca digital; catálogo online; consulta do material; desbaste; descarte; devolução de obras na prateleira; digitalização; microfilmagem; permuta; processamento técnico (catalogação, classificação, indexação); renovação; repositório institucional; restauração. Percebe-se que os alunos indicaram as atividades em que a presença do usuário (fisicamente) é dispensável, ainda que elas sejam realizadas visando à sua utilização e apropriação.

A partir dos dados apresentados pelos alunos, infere-se que eles compreenderam a diferenciação entre ações de mediação explícita e implícita e que em cada uma delas existe a possibilidade de interferência e de posicionamento, consciente ou não.

O ponto que merece destaque a partir da experiência, foi a capacidade que os alunos tiveram em relacionar a mediação da informação com diferentes temáticas para a realização do trabalho final. Os títulos dos artigos originados ao final da disciplina MI, nas duas conduções, são expostos a seguir:

- A autoimagem dos bibliotecários após a mediação da informação para deficientes visuais;
- A mediação da informação e a diminuição de preconceito contra os homossexuais;
- A mediação da informação e a organização do conhecimento no portal do Sistema Único de Saúde (SUS);
- A mediação da informação no blog da UEL;
- A mediação da informação por meio da sinalização nas bibliotecas;
- A Revista Ciência Hoje para crianças como dispositivo de mediação da informação;
- Bibliotecas universitárias e seu papel mediador por meio dos seus web sites;
- Contação de histórias e mediação da leitura na Biblioteca Pública Municipal Lupércio Luppi;
- Mediação cultural a partir das oficinas oferecidas pelo Festival Internacional de Londrina (FILO);
- Mediação da informação no sebo Capricho;

- Mediação da leitura e a sua importância: uma análise da série Percy Jackson junto aos alunos do Colégio Nilo Peçanha;
- Mediação da leitura literária na Semana Literária Sesc Paraná: estudo com ênfase nas oficinas de cordel e xilogravura;
- Mediação da leitura na escola pública: análise das ações desenvolvidas no Centro Estadual de Educação Profissional Professora Maria do Rosário Castaldi;
- Mediação dos significados nas logomarcas de editoras;
- Mediação foto jornalística do Jornal de Londrina e Folha de Londrina: análise das imagens fotográficas da notícia em destaque;
- O bibliotecário e o uso das fontes de informação disponíveis na web: mudanças na mediação das bibliotecas universitárias;
- Ombudsman na imprensa brasileira: o mediador entre os jornais e o leitor;
- Restauração de acervos e sua relação com a mediação: breves reflexões;
- Tutorial para o uso da ABNT na escola fundamental: passo a passo;
- Xilogravura como mediação do imaginário infantil: literatura de cordel;

É possível observar a partir dos títulos dos artigos gerados na disciplina, que os alunos souberam relacionar e aplicar a mediação, seja ela informacional ou não, em diferentes contextos e realidades. Obviamente que, uns com mais profundidade e outros menos, mas todos de alguma forma discutiram a existência da mediação em alguma área/setor de atividade. Muitos alunos inclusive, após conhecer a disciplina e os diferentes conceitos e as diversas possibilidades de mediação, ficaram desapontados com a não utilização da mediação em seus projetos de trabalho de conclusão de curso (TCC), que são elaborados durante o mesmo período que a disciplina MI ocorre. Nas duas turmas foi explicitado no discurso dos alunos que se eles conhecessem a mediação anteriormente, gostariam de ter proposto em seus projetos de TCC aspectos relacionados a temática trabalhada na disciplina, visto que ela pode ser pesquisada e debatida em todas as subáreas da Biblioteconomia e CI.

7 Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo relatar a experiência didático-pedagógica na condução da disciplina MI na UEL. Os discursos são originados a partir da vivência do professor fundador da disciplina e do professor que a ministra atualmente, estabelecendo uma relação dialógica entre as duas percepções.

Num momento em que as discussões e proposições da área têm se preocupado com a formação do bibliotecário, fez-se necessário analisar a forma como uma disciplina tão primordial como esta, foi pensada e vem sendo trabalhada no currículo dos alunos.

Por se tratar de uma disciplina que lida com um objeto diferente daquele defendido por um núcleo muito duro da área, onde a informação registrada é considerada tal objeto, trabalha-se com a ideia de um objeto mais abrangente, que contemple interesses dos vários segmentos da área. O objeto proposto desloca o foco da informação registrada, englobando-a e a integrando em um outro objeto: a mediação da informação.

Acredita-se que a disciplina MI ainda não é ofertada em todas as escolas de Biblioteconomia do Brasil devido justamente a essa divergência de olhares em relação ao objeto de estudo da área e, também, pela falta de conhecimento dos próprios professores sobre a temática proposta. Além disso, existe ainda certa resistência em relação a temática, talvez por sua trajetória recente e inovadora, no entanto, percebe-se um aumento gradativo quanto ao interesse pelo assunto principalmente nos eventos e publicações especializadas da CI. Os profissionais, pesquisadores e alunos têm percebido a relevância e a necessidade de se olhar para a mediação com maior profundidade. Atualmente, existem pesquisas em andamento que estão verificando e avaliando a existência dessa disciplina nos currículos brasileiros e de países Ibero Americanos e do Mercosul.

Defende-se aqui a necessidade dos cursos de Biblioteconomia inserirem em suas matrizes curriculares a disciplina Mediação da Informação, seja como obrigatória ou optativa, devido às discussões que são propiciadas em sala, o que certamente têm influenciado na formação dos futuros bibliotecários. Além disto, ao final da disciplina, os alunos saem com uma visão diferente daquela disseminada ao longo do curso. Não se está afirmando que a referida disciplina é a solução para todos os problemas enfrentados na formação do profissional da Biblioteconomia, mas que precisa sim ser lembrada e levada em consideração nos currículos.

Referências

Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação. *Documentos – Diretrizes Curriculares*. Disponível em: http://www.abecin.org.br/abecin_conteudo.php?id=14. Acesso em: 14 abr. 2015.

Almeida, C. C. (2012). Mediação como processo semiótico: em busca de bases conceituais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 8., 2012. Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ENANCIB, 2012. Disponível em: <http://www.eventosecongressos.com.br/metodo/enancib2012/arearestrita/pdfs/19540.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2015.

-----. (2011). Profissionais mediadores da informação: experiências didático-pedagógicas em dois cursos de biblioteconomia brasileiros. *Revista EDICIC*, v. 1, n. 3, p. 1-17, Jul./Sep. 2011. Disponível em: <http://www.edicic.org/revista/index.php?journal=RevistaEDICIC&page=article&op=view&path%5B%5D=2&path%5B%5D=pdf>. Acesso em: 23 fev. 2015.

Almeida, D. P. R. (2008). Da formação inicial à formação em serviço: reflexões sobre os saberes e os fazeres do bibliotecário. In: Guimarães, J. A. C.; Fujita, M. S. L. *Ensino e Pesquisa em Biblioteconomia no Brasil: a emergência de um novo olhar*. Marília: Fundepe; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 45-66.

Almeida, M. A. (2007). Mediação cultural e da informação: considerações socioculturais e políticas em torno de um conceito. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 8., 2007. Salvador. *Anais eletrônicos...* Salvador: ENANCIB, 2007. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--212.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.

Almeida Júnior, O. F. (2013). *Biblioteca Pública: avaliação de serviços*. Londrina: EDUEL, 2013. Disponível em: http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/biblioteca%20publica_digital.pdf. Acesso em: 05 jul. 2015.

Almeida Júnior, O. F. (2008). Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: Valentim, M. L. P. (Org.). *Gestão da informação e do conhecimento*. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.

-----. (2015). Mediação da informação: um conceito atualizado. In: Bortolin, S.; Santos Neto, J. A.; Silva, R. J. (Org.). *Mediação oral da informação e da leitura*. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.

-----. (2009). Mediação da informação e múltiplas linguagens. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>. Acesso em: 15 ago. 2014.

-----. (2004). Profissional bibliotecário: um pacto com o excluído. In: Baptista, S. G.; Mueller, S. P. M. (Org.). *Profissional da informação: o espaço de trabalho*. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 70-86.

Araújo, C. A. A. (2012). Mediação como conceito potencializador do diálogo entre a Ciência da Informação e os campos da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. In: Encontro Nacional De Pesquisa Em Ciência Da Informação (ENANCIB), 13., 2012. Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ENANCIB, 2012. Disponível em: <http://www.eventosecongressos.com.br/metodo/enancib2012/arearestrita/pdfs/19256.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2015.

Bortolin, S. (2006). A mediação de leitura nos espaços infanto-juvenis. In: Barros, M. H. T. C.; Bortolin, S.; Silva, R. J. (Org.). *Leitura: mediação e mediador*. São Paulo: FA, 2006. p. 65-73.

----. (2010). *Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando*. 2010. 232f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade Estadual Paulista – UNESP. Marília, 2010.

Braga, J. L. (2012). Circuito versus campos sociais. In: Janotti Júnior, J.; Mattos, M. Â.; Jacks, N. (Org.). *Mediação e Midiatização*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. p. 31-52.

Bufrem, L. S. (2012). *Módulo 6 – Tipos de estudos aplicáveis à área de informação*. 2012. (Material didático apresentado na disciplina “Pesquisa como processo dinâmico e socialmente construído” – 2º semestre/2012 – PPGCI/Unesp).

Coelho Neto, J. T. (1996). Do paradigma do acervo para o paradigma da informação. In: SIMPÓSIO BRASIL-SUL DE INFORMAÇÃO, 1., 1996, Londrina. *Anais...* Londrina: EDUEL, 1996. p.15-30.

Davallon, J. (2007). A mediação: a comunicação em processo?. *Prisma.com*, Porto, n. 4, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/645/pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

Figueiredo, N. M. (1987). Da necessidade de promover o uso da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 75-79, jan./jun. 1987.

Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 175p.

Lunardelli, R. S. A. (2004). Usuários ou clientes de bibliotecas? Uma reflexão do ponto de vista da lexicologia. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 7/2, p. 91-99, dez. 2004. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/3914/3142>. Acesso em: 22 abr. 2015.

Malheiro, A.; Ribeiro, F. (2011). Mediações e mediadores no comportamento informacional: passado, presente e futuro. In: ----. *Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da Informação*. Recife: Néctar, 2011. p.144-194.

Martín-Barbero, J. (1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

Mieli, S. (2008). Os perigos do Google como único filtro da realidade. *Brasil de Fato*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 274, maio/jun. 2008. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/3601>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

Mussalim, F. (2006). Análise do discurso. In: Mussalim, F.; Bentes; A. C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2006. 270p.

Santos Neto, J. A. (2014). *Mediação Implícita da Informação no discurso dos bibliotecários da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina (UEL)*. 193f. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília/SP, 2014.

Silva, E. L.; Lopes, M. I. (2011). A internet, a mediação e a desintermediação da informação. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, abr. 2011. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr11/F_I_art.htm>. Acesso em: 03 mar. 2015.

Souza, F. C. (2009). *O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro: século XX*. Florianópolis: EdUFSC, 2009. 189 p.

Universidade Estadual de Londrina. (2015). Departamento de Ciência da Informação. *Programa da disciplina Mediação da Informação*. Londrina, 2015. 4 p.